

REFLEXÕES BÍBLICAS E PASTORAIS SOBRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Saudações fraternais!

Li com atenção o recente artigo "O país do medo", de Fernando Schuler (Publicado em VEJA de 30 de maio de 2025, edição nº 2946). Ele é bom, tanto no que se refere à argumentação utilizada, como na estruturação que foi seguida pelo autor do texto. A matéria apresenta em pormenores o problema da censura no Brasil, ilustrando-a com muitos exemplos recentes de restrições que vêm sendo feitas ao princípio da liberdade de expressão.

Sim, "estamos com um problema, diria, bastante difícil de resolver" (Schuler), em nossa bem frágil democracia. A esse respeito faço menção ao filme "A história de uma lenda" (2013), que ilustra, de certo modo, o que hoje vejo acontecendo em nosso meio e que está demandando de todos nós boa vontade e diferentes ações de enfrentamento. A película reproduz a história de vida e de lutas de um jogador de beisebol negro, Jackie Robinson, na época da grande segregação racial do pós-guerra mundial nos Estados Unidos.

Jackie fora contratado pelo executivo Branch Rickey para jogar em um time onde, até então, somente jogadores brancos podiam competir. A finalidade era a de demonstrar à população que negros podiam ser tão ou até mais habilidosos que os demais, aos quais havia sido dado o direito de disputar os jogos, contribuindo, desse modo, para a superação dos preconceitos raciais. Um senão somente foi dado ao jogador no acordo firmado: de modo algum deveria reagir às agressões que viriam de jogadores e torcedores. O trabalho de Jackie Robinson deveria ser o de se impor entre os demais atletas por meio de sua habilidade de jogador de beisebol, que deveria ser aperfeiçoada com muito treino e disciplina.

O filme, baseado em fatos reais, conta sobre a carreira vitoriosa de um jogador que acabou sendo incluído na galeria dos heróis nacionais de beisebol norte-americano. Negros, desde então, passaram a competir nessa categoria de esporte, juntamente com outras descendências raciais; um importante passo para a superação desta classe de preconceito fora dado.

O exemplo narrado me remete à uma passagem bíblica do evangelho de Mateus (20.20-26), na qual se ouve a respeito do pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, Tiago e João, que foi dirigido a Jesus. Ela solicitou que seus dois filhos viessem a ocupar um lugar de destaque no futuro Reino de Deus, que, segundo as promessas expressas por Jesus, viria a ser implantado. Em outros termos, foi pedido que pudessem se assentar nos lugares imediatos ao dele, à sua direita e à sua esquerda.

A resposta de Jesus à mulher foi a de que não cabia a ele conceder este direito e que neste Reino uma coisa apenas era importante: servir. Os espaços de poder existem para servir: *“quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo.”* (Mateus 20.26). Já aqui, neste mundo, um dos princípios do Reino de Deus é que o poder deve ser exercido enquanto serviço aos demais. E, nesta perspectiva, continua Jesus, haverá sempre um preço a pagar. Aos discípulos, sedentos por destaque, tendência presente em cada um de nós, Jesus pergunta: *“Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber?”* (Mateus 20.22), referindo-se ao fato que seu modo de ser e agir, tendo vindo não para ser servido, mas para servir, o levaria à cruz pela oposição que sofreria.

Jackie Robinson foi uma espécie de profeta em seu tempo e contexto. Dispôs-se a pagar o alto preço de um tipo de silêncio que o impedia de retribuir com a “mesma moeda” as ofensas que sofreu. Ele serviu, desse modo, a seu povo, contribuindo para que pudessem obter mais liberdade, respeito e acesso a direitos que deveriam ser comuns a todos, mas que haviam sido segregados.

Que tipo de serviço e preço estamos dispostos a pagar, também quando direitos básicos garantidos a cada cidadão se encontram ameaçados? A pergunta de Jesus é oportuna para nós brasileiros, para os que desejam servir a Deus e a homens e mulheres nos tensos dias atuais, em que liberdades, como o da expressão, vem sendo censuradas, somando-se à tantas outras privações. Ser profeta exige contemplação do amor de Deus pelos seres humanos, demanda criatividade, treinamento e disciplina mental e emocional. Significa aprender a calar e falar; começa com a força diária que deve ser pedida a Deus, para conter raiva e desejos de vingança, liberando desse modo, habilidades inusitadas de enfrentamento, diante das quais poder da escuridão nenhum poderá resistir.

GJF (05.06.2025).